# "A LINHA QUE ME CONTORNA É A LINHA QUE TE CONTORNA?": REFLEXÕES ENTRE ARTE, CORPO E NATUREZA

## *"IS THE LINE THAT CONTOURS ME THE LINE THAT CONTOURS YOU?": REFLECTIONS BETWEEN ART, BODY AND NATURE*

Júlia Mazzoni Armando Sant'Anna[1]

Universidade de Brasília (UnB)

Nivalda Assunção de Araujo[2]

Universidade de Brasília (UnB)

**RESUMO**

O presente texto consiste em uma reflexão sobre arte e natureza, focada na imagem da lua como uma forma de vida presente na criação poética. Partindo da leitura de Natural:mente (2011), de Vilém Flusser, foram realizados experimentos em cianotipia e bordados, criando diálogos entre corpo, linha e natureza. Propôs-se um exercício imaginativo de outros sentidos que poderiam constituir a lua, para além da visão. Com base em uma ideia conceitual de fio da vida, que compõe e contorna os corpos presentes no mundo, focou-se no elemento da linha e suas relações com o bordado para a construção da pesquisa. Por meio de uma metodologia teórico-prática, costurou-se as formas e os sentidos da lua entrelaçados com outros corpos e vidas presentes no universo.

**Palavras-Chave:** Arte e natureza. Cianotipia. Bordado. Lua.

***ABSTRACT***

*This text consists of a reflection on the possibilities of the relationship between art and nature, focused on the moon. Starting from the reading of Natural:mente (2011), by Vilém Flusser, experiments were made in cyanotype and embroidery to produce a work that created dialogues between body, line and nature. It was proposed an imaginative exercise of other senses that could constitute the moon, in addition to vision. Based on a conceptual idea of the thread/line of life, which composes and outlines the bodies present in the world, there was a focus on the element of the line and its relationship with embroidery for the construction of the*

[1] Mestranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB). Bacharela em Artes Visuais (2022) pela mesma instituição. Aluna e artista visual. E-mail: juhmzn@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0167-9476. Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/9476647568180250. Brasília, DF.

[2] Professora Associadada da Universidade de Brasília. Pós-doutora pela École nationale supérieure d'architecture de Paris-La Villette (ENSAPLV) 2015 - GERPHAU. Doutora em Arts et Science de L'art - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (2008). E-mail: nivaldaassuncao@gmail.com. Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2510-0617. Lattes ID: http://lattes.cnpq.br/1324439742747081. Brasília, DF.

*research. In this way, from a theoretical-practical methodology, there was an attempt to sew the senses of the moon and establish it as another form of life, which intertwines with the other bodies and lives present in the world.*

***KEYWORDS*****:** *Art and nature. Cyanotype. Embroidery. Moon.*

Há uma linha que contorna todo o mundo, que estabelece fronteiras entre o eu e o outro. Como seria, então, a linha que define esse limiar? A artista Edith Derdyk reflete sobre essa questão considerando:

> A linha é contorno, é carne, é ossatura. Qual é o corpo da linha? A linha empresta o contorno ao mundo, caminha pela superfície das coisas. Sismógrafo neuromotor, remarcando os territórios. A linha sugere proximidade e afastamento, tônus afetivo. Unidade dupla: portadora do sensível e do mental. A linha positiviza a ausência, é sempre afirmativa (DERDYK, 2010, s.p.).

Existe essa linha invisível que contorna tudo e que, apesar de delinear limites entre o que está dentro e o que está fora, também é elemento de conexão, pelo fato de ser mutável e estar presente em tudo no mundo. Caminhar, então, entre o visível e o invisível, entre o limite de até onde é possível ver, ouvir, sentir, tocar, é caminhar pela vida, até onde parece não existir, até onde parece tão distante que se sente impossível alcançá-la.

Partindo de uma caminhada no cerrado em um dia de outubro, percebo os corpos em movimento: os visíveis e os invisíveis, os corpos escondidos em buracos e os que caminham na superfície. Há movimento onde parece estático. Há memória do que já esteve ali: folhas secas, frutas comidas e rastros. Há tato em tudo que o sol toca. Há o conversar das cigarras e dos insetos que chegam perto dos ouvidos. Há o toque e o som do vento. Há o cheiro de terra. Chegando na beira do lago, há o constante ir e vir da água, o constante ir e vir do corpo. Imersa nesse ambiente sinestésico amplio meu olhar para o céu e vejo a lua, além do sol e das nuvens.

De acordo com o filósofo e ensaísta Vilém Flusser, em seu livro *Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza* (2011):

> Há coisas na natureza que são visíveis, mas inaudíveis. O sol, a lua, as estrelas, em suma, as coisas celestes. Coisas "substantivas". Por serem inaudíveis, são distantes e não podemos aproximar-nos delas. Porque a vista é sentido que nos separa das coisas, e o ouvido sentido que nos mergulha nelas (FLUSSER, 2011, p.127).

Flusser compartilha um fluxo de ensaios que surge a partir de diferentes contatos com a natureza, partindo constantemente de reflexões entre o que poderia ser estabelecido como natureza e o que poderia ser estabelecido como cultura. Para o autor, a natureza ganharia significado pela cultura – no momento em que o indivíduo a transforma em cultura, uma vez que é, por si só, isenta de valores (FLUSSER, 2011, p.145). Ao mesmo tempo, afirma que vivemos não em uma, mas em muitas naturezas (2011, p.114), considerando a existência de percepções e perspectivas diversas. Sobre os sentidos do corpo, o autor compreende que "o mundo visto é circunstância, o mundo ouvido é participado" (2011, p.127). Ao relacionar a visão com uma postura/um ato de distanciamento, o autor afirma que:

> Dois limites da natureza, duas "sacralidades": o limite das coisas visíveis, mas inaudíveis, e o das coisas audíveis, mas invisíveis. O primeiro é "substancial", e é sacro por ser inaproximável. O segundo é "verbal", e é sacro por ser inimaginável. Ambas as "sacralidades" estão superadas tecnicamente, e neste sentido, a humanidade ultrapassou os limites da natureza. A Lua, uma das coisas visíveis, mas inaudíveis, foi, como se diz, "conquistada". E os ventos, há muito, propelem moinhos e velas (FLUSSER, 2011, p.127, 128).

Sobre a lua, o autor a compreende como natureza, apesar de estar sendo utilizada como cultura pela humanidade, como "produto" cultural, ao ser utilizada como plataforma, por exemplo, pela NASA (FLUSSER, 2011, p.90). E que embora seja necessário um desejo de ver a lua para de fato vê-la – procurá-la no céu –, "tal querer meu é condicionado pela própria Lua" (2011, p.91), ou seja, ela possui o controle sobre essa possibilidade, e por isso, é natureza. Além disso, menciona que ela já era produto de outras culturas antes de ser utilizada como plataforma espacial, há muitas gerações: como símbolo de fertilidade, deusa, inspiração romântica, satélite natural (2011, p.94, 95).

Embora, pelo ensaio de Flusser, a lua seja considerada como algo apenas do campo do visível, acredito que ela também habita, de certa forma, esses territórios de fronteira a partir de sua natureza cíclica, de sumir do olhar em certos momentos, apesar de estar constantemente ao nosso lado. Indago, então, em outra questão: e se, ao contrário do que Flusser reflete, pudéssemos também posicioná-la no território imaginativo e costurar seus  sentidos? Deixar a lua penetrar minha própria vivência em uma relação tão distante e tão próxima me levou a algumas conexões com obras de dois artistas.

A primeira obra é *Light bulb to Simulate Moonlight* (Imagem 1), da artista Katie Paterson. Ela trabalhou com engenheiros para “fazer leituras de medidores de luz, analisar comprimentos de onda e, finalmente, localizar um revestimento de superfície apropriado para produzir uma lâmpada que emite raios que se aproximam da luz de uma Lua cheia” (GUGGENHEIM, 2011, tradução nossa). Foram encomendadas 289 lâmpadas, cada uma com duração baseada na expectativa de vida média de um ser humano no ano que o trabalho foi criado, em 2008 (PATERSON, 2008). A obra de Paterson não apenas evoca a presença da lua em uma proximidade com os corpos que transitam o espaço da galeria, como também levanta possíveis reflexões sobre a temporalidade e a mortalidade humana. A “luz da lua” é, então, guiada por um fio (cabo de energia) que pode ser comparado com a ideia de fio da vida, a linha do tempo que possui duração contada, da expectativa de uma vida.

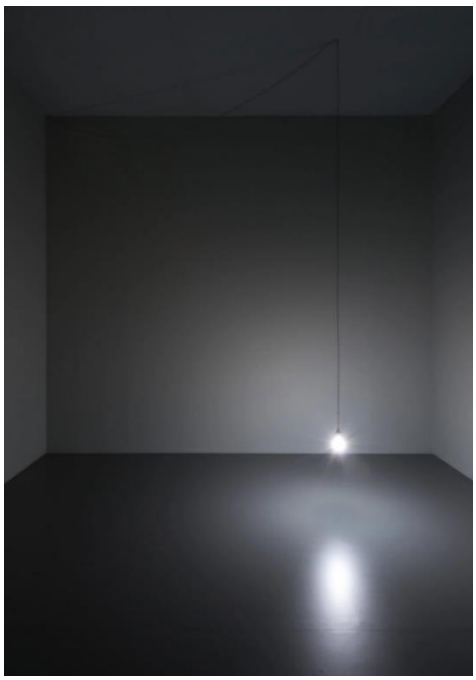

Imagem 1: Katie Paterson, *Light bulb to Simulate Moonlight*, 2008. Fonte: Katie Paterson. Disponível em: https://katiepaterson.org/artwork/light-bulb-to-simulate-moonlight/. Acesso em: 27 jan. 2023.

Outra referência relevante é a obra *Museum of the Moon* (Imagem 2), de 2016, do artista britânico Luke Jerram. Trata-se de uma instalação itinerante construída com luz e som, contendo sete metros de diâmetro. A instalação apresenta uma espécie de "réplica" do satélite natural, criado a partir de imagens detalhadas da NASA. Essa obra já fora exposta em diversas localidades no mundo, em ambientes internos e externos, com diferentes composições musicais sendo tocadas ao fundo (JERRAM, 2016). De acordo com o site oficial do projeto itinerante, "à medida que viaja de um lugar para outro, reúne novas composições musicais e uma coleção contínua de respostas pessoais, histórias e mitologias, além de destacar as ciências mais recentes" (JERRAM, 2016), objetivando, então, contemplar diferenças e semelhanças culturais ao redor do globo, a partir de uma variedade de interpretações pessoais e coletivas. Aqui, a lua é colocada, mais uma vez, nas possibilidades entre a(s) natureza(s) e a(s) cultura(s).

Imagem 2: Luke Jerram, *Museum of the Moon* no *Old Royal Naval College*, em Greenwich, 2022. Fonte: *Visit Greenwich*. Disponível em: https://www.visitgreenwich.org.uk/whats-on/lunar-lates-p1843541. Acesso em: 27 jan. 2023.

Destaco um fragmento sobre *Museum of the Moon* que ressoa diretamente com meus anseios de criação: “diferentes culturas ao redor do mundo têm suas próprias relações históricas, culturais, científicas e religiosas com a lua; e ainda, de alguma forma, apesar dessas diferenças, a lua conecta todos nós” (JERRAM, 2016). Eu a observo em um território, outros a observam em diferentes espaços, e ela se torna o ponto de contato entre nós.

Nesse sentido, a linha que conecta experiências individuais e as transformam em possíveis experiências coletivas se deu por meio da cianotipia. Ela tornou-se uma linguagem muito significativa para o trabalho desenvolvido por se constituir de impressão à luz do Sol. A técnica, criada em 1842 pelo astrônomo e químico Sir John Herschel, baseia-se “na sensibilidade à luz ultravioleta de determinados sais de ferro” (PINHEIRO, PFUTZENREUTER, 2017, p.27). A impressão ocorre por meio de contato, quando se emulsiona os químicos na superfície e colocam-se elementos naturais, recortes de papel ou negativos para expor na luz ultravioleta ou no sol. Herschel experimentou o processo na década de 1840 e influenciou Anna Atkins a ilustrar seus estudos botânicos em cianotipia, tornando-se uma pioneira na técnica (STULIK, KAPLAN, 2013, p.5).

A prática da cianotipia realizada em um espaço coletivo tornou-se algo essencial para que se chegasse ao resultado final. O contato e a vivência com essa linguagem fotográfica foi importante para entender a dinâmica de todo o processo, o tempo da espera, da paciência. O sol que vai e vem, às vezes chove, uma nuvem passa, e não há controle sobre as mudanças da própria natureza. Todas essas mudanças influenciam no resultado final, desde a preparação do papel com a solução química até a reação completa da revelação quando o azul escurecer e completar o ciclo. Dessa forma, há possibilidade de interferência nas diversas etapas: “quando se está trabalhando com o cianótipo, entra-se em profunda sintonia com a matéria, surgindo vários pensamentos e questionamentos sobre a construção conceitual e prática do trabalho” (PINHEIRO, PFUTZENREUTER, 2017, p.37).

As seis imagens selecionadas do meu arquivo pessoal para desenvolver a série de trabalhos sobre a lua foram capturadas em momentos de observação durante dias e noites, em que as reflexões imaginativas sobre esse satélite natural e seus possíveis significados já existiam para mim. No ateliê de fotografia, aguardando as impressões secarem em um dia de chuva, comecei a refletir sobre o tema escolhido no âmbito da natureza: internet, memória, Flusser. Algumas reflexões me levaram a questionamentos anotados em meu caderno, tais como: a lua é para mim o que é para o outro?; azul: céu, água, noite; crateras equivalem ao tempo?; e se a lua coletasse todas as vozes que conversam com ela?; como a lua atua no meu corpo, mesmo numa relação de distância?; a linha que contorna a lua é a mesma que contorna o meu corpo? (Imagem 3).

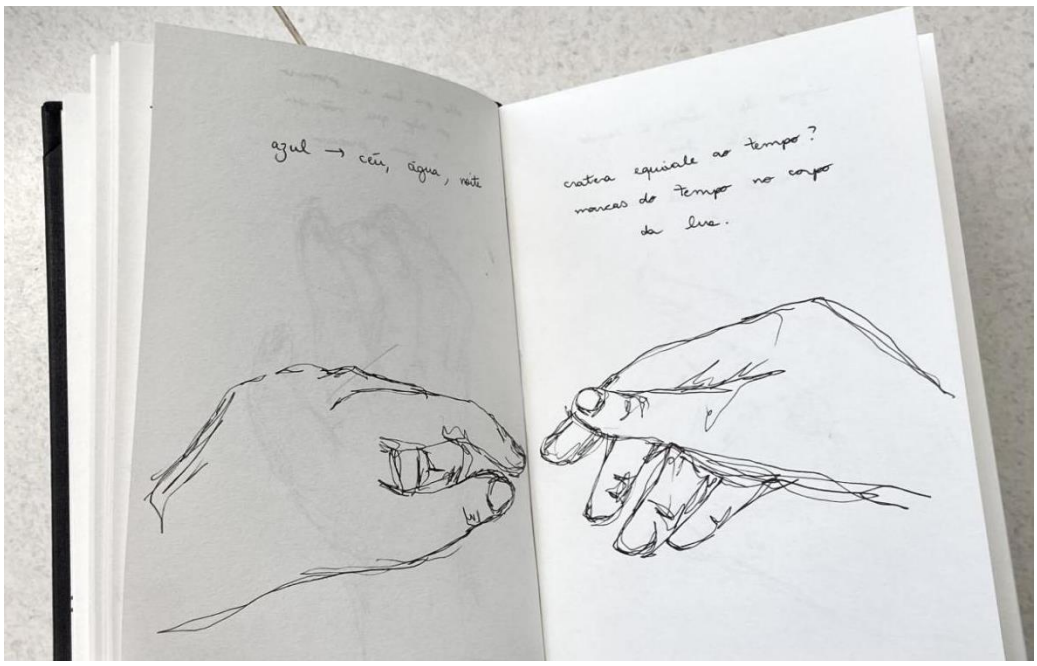


Imagem 3: Anotações do caderno de processos, 2022. Fonte: Acervo pessoal.

Aos poucos, nesse fluxo de pensamentos soltos, refleti sobre a minha relação íntima, poética, cultural, material e espacial com o satélite, e me perguntei se para o outro a relação seria algo semelhante, ou completamente distinto. Partindo do meu inconsciente e da ideia de presença no mundo, encontrei-me nesse limiar entre a minha relação e a relação do outro sobre um mesmo elemento.

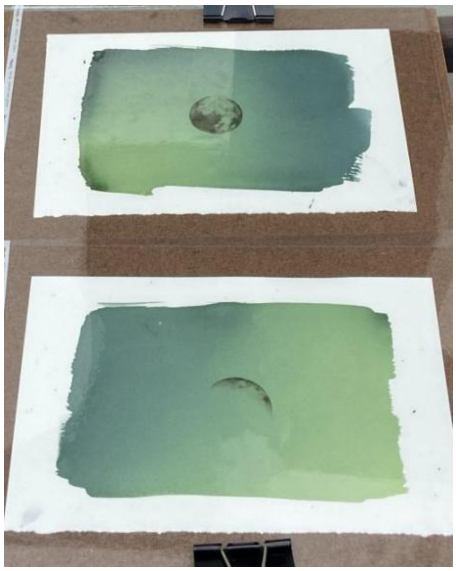

Imagem 4 e 5: Registro do processo da cianotipia, 2022. Fonte: Acervo pessoal.

As mutações de cor da imagem da lua no momento da impressão, ao passar dos minutos embaixo da luz, remete a um entardecer, ao momento em que o céu está escurecendo e a lua fica cada vez mais visível e brilhante (Imagem 4). Ao lavar o papel na cuba de água para finalizar a impressão, a imagem fica nítida, com os mesmos detalhes da fotografia inicialmente digital e, dependendo da tonalidade do azul, parece alcançar esse céu noturno (Imagem 5).

No processo do trabalho, as frases bordadas nas cianotipias complementam a proposta poética trazendo  sentidos que a Lua poderia ter, criadas a partir dessa relação de distância física que me permite apenas vê-la. Foram utilizados pontos retos na construção das frases, e do ponto “nó de borboleta” na imagem central. Nesta, especificamente, há um bordado que contorna a figura da lua cheia, remetendo à pergunta do título, “a linha que me contorna é a linha que te contorna?” (Imagem 6), relacionando o elemento da linha com a ideia de linha da vida, criando uma possível conexão entre corpo e natureza. A linha possui destaque também na composição (Imagem 7), uma vez que as imagens possuem essa espécie de “linha imaginária” que contorna a figura, os bordados são criados a partir de uma linha material, além da presença das linhas que sustentam os papéis nos bastidores.

Imagem 6: Processo do bordado de *A linha que te contorna é a linha que me contorna?*, 2023. Fonte: Acervo pessoal.

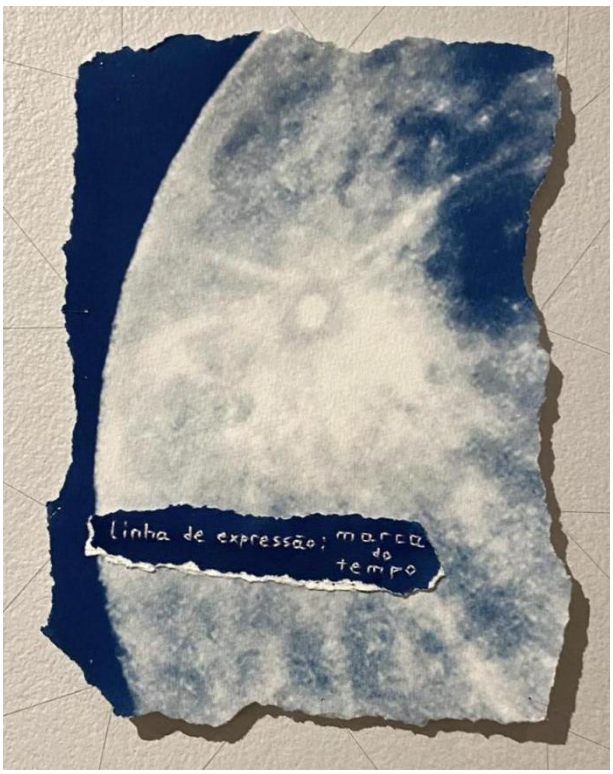


Imagem 7: *A linha que te contorna é a linha que me contorna?*, 2023.
Fonte: Acervo pessoal.

Há, ainda, um terceiro limiar presente: entre têxtil e texto. Ambos são formados e conectados pela linha. Flusser, em outra publicação, explica que:

> Etimologicamente a palavra texto quer dizer tecido, e a palavra linha, um fio de um tecido de linho. Textos são, contudo, tecidos inacabados: são feitos de linhas (da corrente) e não são unidos, como tecidos acabados por fios [...] quem escreve tece fios, que devem ser recolhidos pelo receptor para serem urdidos. Só assim o texto ganhará significado (FLUSSER apud MARQUES, 2018, p.1).

Assim, as frases bordadas também são linhas, feitas por linhas, contornadas por linhas (Imagem 8). A linha que contorna a palavra é a linha que contorna a lua e é a linha que me contorna. É ponto em movimento. E o movimento é a vida em atividade, o corpo em transformação. Movimento também do corpo no ato de bordar, que é um constante contato com os dedos, a mão, os braços, a pele. As reflexões costuradas no corpo da lua e/ou no azul do céu entrelaçam-se, dessa forma, com o meu próprio corpo, que está presente no ato de bordar e presente nessa relação de tentativa de aproximação com o universo.

Imagem 8 e 9: Júlia Mazzoni, *A linha que te contorna é a linha que me contorna?*, 2023. Técnica mista e dimensões variadas. Galeria Acervo – CAL. Fonte: Acervo pessoal.

*A linha que me contorna é a linha que te contorna?* é a pergunta que permanece e intitula a série híbrida de cianotipias e bordados. Ela consiste em um políptico com dimensões variadas, composto pelas imagens azuis impressas em papéis e rasgados posteriormente, como tentativa de simbolizar a passagem de um corpo por aquele local; costuradas em bastidores de madeira por uma linha invisível de poliamida e constituídas de bordados feitos com linha de algodão. O formato dos suportes e a composição circular orbitam o imaginário cíclico da lua dentro da galeria (Imagem 9).

A lua é forma de vida presente em todo o mundo, enquanto eu sou forma de vida presente na minha própria realidade. A forma dela é expandida: ela se expande pelo mundo, trajeto constante. Ela presencia a diversidade das outras formas de viver, apesar (e por causa) da sua distância. A minha forma é presente em um território menor, mais íntimo. Meu trajeto no espaço é percebido apenas por outros corpos que estão em uma distância pequena de mim. Indago: a distância afeta a maneira que as vidas se encontram? Eu, daqui, vejo a mesma Lua que alguém, de outro lugar, está vendo. De um lado ao outro da Terra. E continuamos, eu e o outro, sendo formas distintas, desconhecidas, com suas próprias camadas de intimidade, mas embaixo de

uma forma de vida comum, que entrelaça o que não é visto. Como perceber as formas de vida que não são visíveis a olho nu?

Da mesma maneira somos formas de vida independentes, porém interligadas, conectadas pela nossa comum existência na materialidade. Eu possuo minha própria narrativa autobiográfica, e a lua possui a dela. O tempo da vida afeta nossos corpos, nossas formas, nossa linha de contorno. O tempo também afeta o que não é facilmente visto; interior, íntimo, avesso. Não a vejo sempre, e nem ela me vê. A vida passa diferente para cada um desses dois corpos, o meu e o da lua, mas é uma vida conjunta no final do dia. Estamos presentes sem necessariamente nos percebermos.

“Vivemos em dois mundos: um dado e outro provocado pela atenção que lhe damos (...) Culturas que não levantam o seu olhar para o céu (...) não buscam, não ‘produzem’ a Lua (...)” (FLUSSER, 2011, p.90). A forma da lua, portanto, é criada por mim; é alterada a partir de quem a percebe. Pela natureza, ela é algo; pela cultura, ela é outra coisa. É composta por muitas e diversas formas. É uma costura de perspectivas. “Ela (a lua) continua imperturbável em seu caminho necessário e por enquanto dispensável”, diz Flusser (2011, p.95). Forma não segue significado? Vida não é efemeridade, movimento e transformação? A lua continua se transformando a cada fase, retornando ao ponto inicial dos seus ciclos, e também movimentando-se no céu a partir do meu olhar, como se estivesse seguindo o mesmo caminho que eu sigo. Portanto, para mim, é viva. É metáfora de forma de vida distante, desconhecida, composta por um lado oculto. Quantas memórias o lado “avesso” (da lua e do bordado) pode carregar? Quantas linhas compõem e se sobrepõem no outro lado? Em um esforço de imaginar individualmente o que poderia me conectar com essa presença no céu que observo com frequência, tento costurar esses corpos com as linhas das palavras.

Busquei levantar as diversas possibilidades de atuação da lua no mundo, mais particularmente no meu mundo. Minha visão pessoal possui a característica de se expandir para o coletivo, e vice-versa, ao considerar que todo corpo atua no mundo, mas também sofre atuação em seu exterior. Sou influenciada e posso influenciar

outras perspectivas. Sobre essa influência mútua entre corpo e mundo, o filósofo Emanuele Coccia, em *A vida sensível* (2018), reflete:

> O vivente não está simplesmente no mundo, uma vez que o próprio mundo está intencionalmente no vivente. Assim, cada vez que se emite conhecimento, não se pode deixar de verter uma parte de si no mundo, de ser alienado, de deixar escapar a própria interioridade no mundo exterior (COCCIA, 2018, p.53).

Isso faz com que todas as camadas de reflexão, e todas as camadas de relação que foram criadas se tornem entrelaçadas e complexas. As reflexões, dessa maneira, são a consequência desse contato indireto com a lua. A ideia de "linha da vida" não apenas a transforma em modo de vida ativa, composta por uma linha imaginária que a contorna e que faz com que seu corpo seja percebido no mundo: faz com que ela seja passível de expansão, construindo novas relações individuais e coletivas.

## Referências


COCCIA, Emanuele. **A vida sensível**. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. 96 p.

FLUSSER, Vilém. **Natural:mente**: vários acessos ao significado de natureza. 1. ed. São Paulo: Annablume, julho 2011. 176 p.

GUGGENHEIM. Lightbulb to Simulate Moonlight. *In*: GUGGENHEIM. **Guggenheim**. Nova York, 2011. Disponível em: https://www.guggenheim.org/artwork/28089. Acesso em: 25 jan. 2023.

JERRAM, Luke. Museum of the Moon. *In*: JERRAM, Luke. **Museum of the Moon**. [*S. l.*], 2016. Disponível em: https://my-moon.org/. Acesso em: 25 jan. 2023.

MARQUES, André de Azevedo. **Texto quer dizer tecido**: um ensaio sobre o têxtil. Anais do 18º CONIC-SEMESP. v. 6, 2018. Disponível em: https://www.conic-semesp.org.br/anais/files/2018/trabalho-1000001690.pdf. Acesso em: 25 jan. 2023.

PATERSON, Katie. Lightbulb to Simulate Moonlight. *In*: PATERSON, Katie. **Katie Peterson**. [*S. l.*], 2008. Disponível em: https://katiepaterson.org/artwork/light-bulb-to-simulate-moonlight/. Acesso em: 25 jan. 2023.

PINHEIRO, Daniela; PFUTZENREUTER, Edson. Experimentações com os cianótipos: uma relação com a matéria. **Paralelo 31**, Unicamp, v. 2, ed. 9, p. 26-47, dezembro 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/13255. Acesso em: 15 maio 2023.

STULIK, Dusan C; KAPLAN, Art. Cyanotype. *In*: THE GETTY CONSERVATION INSTITUTE. **The Atlas of Analytical Signatures of Photographic Processes**. Los Angeles, 2013. Disponível em: https://www.getty.edu/conservation/publications_resources/pdf_publications/atlas.html. Acesso em: 15 maio 2023.

VISIT GREENWICH. Lunar Lates: Exhibition in Greenwich. *In*: VISIT GREENWICH. **Visit Greenwich**. [*S. l.*], 2022. Disponível em: https://www.visitgreenwich.org.uk/whats-on/lunar-lates-p1843541. Acesso em: 25 jan. 2023.